



Vol 13, Nº 28, (junio/junho 2020)

PORTO DARK. UMA PROPOSTA DE ITINERÁRIO TURÍSTICO

Susana Silva¹

Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (CEGOT – Universidade de Coimbra)
Departamento de Geografia e Turismo da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Instituto Superior Politécnico Gaya
susana.silva@uc.pt

Iara Azevedo²

Instituto Superior Politécnico Gaya
ispg4114@ispgaya.pt

Viviana Cardoso²

Instituto Superior Politécnico Gaya
ispg4115@ispgaya.pt

Vânia Jesus²

Instituto Superior Politécnico Gaya
ispg4101@ispgaya.pt

Marco Fonseca²

Instituto Superior Politécnico Gaya
ispg4119@ispgaya.pt

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Susana Silva, Iara Azevedo, Viviana Cardoso, Vânia Jesus y Marco Fonseca (2020):
"Porto Dark. Uma proposta de itinerário turístico", Revista Turydes: Turismo y Desarrollo, n. 28
(junio/junho 2020). En línea:

<https://www.eumed.net/rev/turydes/28/proposta-itinerario-turistico.html>
<http://hdl.handle.net/20.500.11763/turydes28proposta-itinerario-turistico>

RESUMO

O Porto é uma cidade detentora de um vasto e rico património cultural representativo do seu longo passado histórico que, para além de lhe conferir identidade, consubstancia um amplo conjunto de oportunidades que têm potenciado o desenvolvimento da atividade turística através de uma oferta diferenciadora, o que tem suscitando um aumento substancial da sua visitação. O património associado ao *dark* constitui um dos componentes da sua ampla herança cultural que se encontra subaproveitado, mormente no que diz respeito à sua configuração enquanto parte efetiva da oferta turística.

A partir da revisão da literatura científica e da consulta e análise de diversas fontes, este texto pretende enfatizar a estreita relação entre património, cidade e turismo e o papel dos itinerários na sua materialização e valorização. É conferida particular atenção ao segmento do *dark tourism* numa reflexão sobre o conceito, o espetro da oferta e a particularidade motivacional da

¹ Doutora em Geografia pela Universidade de Coimbra e Investigadora do Centro de Estudos de Geografia e Ordenamento do Território (Universidades de Coimbra e Porto).

² Estudantes da Licenciatura em Turismo da Escola Superior de Desenvolvimento Social e Comunitário do Instituto Superior Politécnico Gaya.

procura. Dá-se conta da existência do património *dark* presente na cidade do Porto, assim como se proporciona um outro olhar sobre determinados elementos patrimoniais, fazendo sobressair a sua faceta *dark*, algo desconhecida do público em geral, com o objetivo de organizar um itinerário com base neste património e nas “estórias” a ele associado, apresentando-o como contributo para valorização do património sobejamente conhecido, mas sob uma perspetiva diferente.

PALAVRAS-CHAVE: Património – turismo negro – itinerário – valorização – cidade do Porto.

DARK PORTO. A TOURIST ITINERARY PROPOSAL

ABSTRACT

Porto is a city with a vast and rich cultural heritage representative of its long historical past, which gives it an identity. It constitutes a wide range of opportunities that have boosted the development of tourist activity through its many different offerings, which have caused a substantial increase in its visitation. One of the components being underutilized is the heritage associated with the dark, especially regarding its configuration as an effective part of the tourist offer.

From the review of the scientific literature and the consultation and analysis from several sources, this text aims to emphasize the close relationship between heritage, city and tourism and the role of itineraries in their materialization and valorization. A specific attention is paid to the dark tourism segment with a reflection about the concept, the spectrum of supply and the motivational particularity of demand. It demonstrates the existence of the dark heritage present in the city of Porto, as well as providing another look at certain heritage elements, highlighting its dark side that is unknown to most of the general public. The final purpose of this work consists in creating an itinerary based on this heritage and in the “stories” associated with it, as a contribution to the valorization of a well-known heritage, but from a different perspective.

KEY-WORDS: Patrimony – dark tourism – itinerary – valorization – city of Porto.

RESUMEN

Porto es una ciudad con un vasto y rico patrimonio cultural representativo de su largo pasado histórico, que, además de darle identidad, constituye una amplia gama de oportunidades que han impulsado el desarrollo de la actividad turística a través de una oferta diferenciada, que ha causado un aumento sustancial en sus visitas. El patrimonio asociado con el negro constituye uno de los componentes de su amplio patrimonio cultural que está subutilizado, especialmente en lo que respecta a su configuración como parte efectiva de la oferta turística.

Basado en la revisión de la literatura científica y la consulta y análisis de varias fuentes, este texto pretende enfatizar la estrecha relación entre patrimonio, ciudad y turismo y el papel de los itinerarios en su materialización y valorización. Se presta especial atención al segmento del turismo negro en una reflexión sobre el concepto, el espectro de la oferta y la particularidad motivacional de la demanda. Se da cuenta de la existencia del patrimonio negro presente en la ciudad de Porto, y proporciona otra mirada a ciertos elementos del patrimonio, destacando su lado negro, algo desconocido para el público en general, con el fin de organizar un itinerario basado en este patrimonio y en las “historias” asociadas con él, presentándolo como una contribución a la valorización del patrimonio conocido, pero desde una perspectiva diferente.

PALABRAS CLAVE: Patrimonio – turismo negro – itinerario – valorización – ciudad de Porto.

1. INTRODUÇÃO

O turismo em Portugal tem conhecido um crescimento fulgurante. Os inúmeros prémios que o país tem recebido ao longo dos anos têm não só comprovado o reconhecimento internacional da qualidade do destino como contribuído, de igual modo, para o aumento desse reconhecimento. Na edição de 2019 dos *World Travel Awards* (WTA, 2020) Portugal foi eleito o

Melhor Destino do Mundo e da Europa pela terceira vez consecutiva, o Turismo de Portugal o Melhor Organismo Oficial de Turismo do Mundo (3ª vez consecutiva) e da Europa (6ª vez consecutiva). Lisboa foi distinguida pelo terceiro ano seguido como o Melhor Destino *City Break* do Mundo e a Madeira é, desde 2015, o Melhor Destino Insular do Mundo e também da Europa, já o Algarve voltou ao lugar que ocupara por diversas vezes como o Melhor Destino de Praia da Europa. Lisboa foi eleita, em 2014 e 2016, como o Melhor Destino de Cruzeiros europeu (WTA, 2020) e Portugal tem ainda arrecadado o prémio de Melhor Destino Mundial e Europeu de Golfe desde há vários anos consecutivos (WGA, 2020). Para além destes muitos outros prémios têm sido atribuídos em diversas categorias da hotelaria, atrações de aventura, companhia aérea, porto de cruzeiros ou *websites* de turismo (WTA, 2020). Já a cidade do Porto foi prestigiada como *European Best Destination* em 2012, 2014 e 2017 e eleita pela plataforma *Culture Trip* a cidade da Europa mais interessante para visitar e descobrir no ano de 2019, ocupando a segunda posição a nível mundial (Nogueira, 2018).

O Porto é uma cidade histórica, tem uma identidade muito própria, peculiar e atrativa à descoberta. A distinção do seu centro histórico como Património Mundial da Humanidade (1996) ou a eleição como Capital Europeia da Cultura (2001) foram importantes contributos para o fortalecimento da imagem cultural da cidade, para a sua visibilidade internacional, dinâmica turística e para esta se transformar e se tornar num destino turístico multiatração de excelência, que vem registando uma evolução bastante positiva no âmbito da procura. No ano transato a cidade encontrava-se na 96ª posição do ranking do *Top 100 City Destinations*, subindo mais de 20 posições nos últimos 6 anos (EI, 2019), tendo o aeroporto Sá Carneiro registado 6,5 milhões de passageiros desembarcados (+10% em relação a 2018) (INE, 2020). Em 2018, o município do Porto recebeu quase 2 milhões de hóspedes (+6,4%), 77% dos quais residentes no estrangeiro, sobretudo em Espanha, que originaram 4,1 milhões de dormidas (+8,2%), representando 38% e 42%, respetivamente, do total de hóspedes e dormidas da região Norte (INE, 2019).

A intensificação da atividade turística tem colocado novos desafios à forma de organização e comercialização dos destinos e da sua oferta assentes numa necessidade permanente de renovação e de criação de novos polos de interesse, num contexto de crescente competitividade entre destinos e de resposta às necessidades de um público exigente. O património apresenta-se como um elemento fundamental na diferenciação dos territórios sendo de assaz importância que seja identificado, organizado e valorizado. Os itinerários turísticos posicionam-se assim como elementos fulcrais no âmbito da atividade turística pela sua capacidade valorizadora e estruturadora e de atração de turistas para um determinado destino (Ferreira, Aguiar & Pinto, 2012), concretamente os destinos urbanos.

Cientes da quantidade e diversidade do património cultural urbano e do seu papel determinante para a renovação urbana, desenvolvimento turístico e projeção de uma imagem diferenciadora e atrativa, o presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de itinerário turístico com base no património *dark* que a cidade do Porto encerra e que se encontra subvalorizado e pouco divulgado. Refira-se que a fase de elaboração do itinerário foi suportada pela análise de diversas fontes assim como por trabalho de campo, sendo posteriormente testado pelos autores e apresentado a um grupo de alunos da licenciatura em turismo, registando-se manifestações de grande interesse na temática. Este itinerário configura-se, por isso, como um contributo para a valorização de património amplamente conhecido sob uma perspetiva diferente, para a diversificação da oferta turística tradicional e atração de outro tipo de público.

Neste contexto, este artigo apresenta ainda uma abordagem concetual e motivacional do *dark tourism*, dando-se conta, de igual modo, que embora este segmento não seja uma novidade, se regista uma tendência crescente no desenvolvimento dos locais considerados *dark*, distribuídos por diversas tipologias e intensidades de “negro”, para exploração comercial e de um aumento da sua visitação, pese embora a motivação *dark* possa justificar apenas uma parte das visitas, como se verá.

2. PATRIMÓNIO, CIDADE E TURISMO

A relação entre património, cidade e turismo é há muito discutida no meio académico e sobretudo considerada nas estratégias de desenvolvimento territorial pelas reconhecidas sinergias, diretas, indiretas e induzidas, que daí advêm. Henriques (2003a: 163) faz notar que “as relações entre turismo e espaço urbano são muito mais antigas e complexas do que a relativa juventude deste tema nos estudos turísticos pode fazer crer” e acrescenta que “o turismo é, na sua essência um fenómeno eminentemente urbano”, basta lembrarmo-nos do *Grand Tour* praticado nos séculos XVII a XIX. Law (2002) defende que as grandes cidades são de forma inquestionável o tipo mais importante de destino turístico em todo o mundo. De acordo com o relatório da *Euromonitor International* (EI, 2019), Hong Kong (26,7 M), Bangkok (25,8 M), Macau (20,6 M), Singapura (19,8 M), Londres (19,6 M), Paris (19,1 M) ou Dubai (16,3 M) estão entre as cidades que mais chegadas registaram em 2019, e que desde há muito se posicionam no topo.

As cidades, fruto da sua evolução histórica, constituem-se como amplos repositórios de património. O património é algo que remete para um momento histórico passado (Henriques, 2003b) e, ao invocar o passado, expressa a identidade histórica e as vivências de um povo, constituindo por isso testemunho dessa história, um elemento fundamental na construção da identidade social/cultural, memória coletiva e sentimento de pertença de um grupo/sociedade (Choay, 1992; Peralta, 2000). Assim, o património está diretamente relacionado com a memória (Choay, 1992). O passado e a memória têm figurado de forma assídua não só nos discursos como nas ações perpetuadas nos planos cultural, económico e político, o que tem originado uma importante e crescente indústria do património (Ashworth, Graham & Tunbridge, 2007).

O património assume-se como recurso estratégico pela capacidade de criar ou reforçar a identidade e, por inerência, de atribuir um carácter diferenciador aos territórios e às comunidades. É, por isso, percecionado como um dos principais ativos capazes de gerar turismo, e concomitantemente importante no processo de desenvolvimento dos territórios, e o turismo encarado como a sua forma mais eficaz de exploração e promoção (Ashworth, 1994; 2000). Esta relação entre património e turismo parece que se instalou de forma umbilical e definitiva. Todavia, na ótica de Peralta (2000), é necessário que sejam estabelecidas regras de convivência entre ambos numa visão bipartida que permita a rentabilização económica e o desenvolvimento social numa perspetiva de desenvolvimento durável e assente em critérios de qualidade, para que os seus benefícios se distribuam tanto por aqueles que o praticam como por aqueles que o acolhem.

O património cultural é, a nível global, um dos grandes ativos e motivadores da atividade turística, pelo que é nas cidades que o turismo cultural encontra uma maior expressividade, se apresenta mais denso (Cluzeau, 1998) e com importantes fluxos de visitantes, constituindo-se como destinos culturais de grande relevância, justamente porque o desejo de cultura é cada vez maior (Henriques, 2003c). Cluzeau (1998) e Henriques (2003c) concordam que a cidade concentra uma variedade de oportunidades culturais já que aqui se acumulam elementos artísticos, património, equipamentos culturais e até vivências que proporcionam visitas, vários eventos culturais e importantes descobertas. O património urbano assume-se como uma vantagem competitiva das cidades que procuram a diferenciação. A multiplicidade de recursos presentes torna-as espaços capazes de segmentarem o amplo produto turismo cultural em diversos nichos, posicionando-se, desta forma, como um destino multivocação (Ashworth & Tunbridge, 2000; Henriques, 2003a).

Os centros históricos das cidades destacam-se pela espessura histórica e enorme carga simbólica, por se constituírem como lugares de património e de confluência de uma multiplicidade de dinâmicas (Fernandes, 2013). A riqueza de recursos culturais que acolhem espelham uma forte identidade construída ao longo da (sua) história e, como tal, são reconhecidos como relevantes elementos definidores da imagem e do reforço da identidade da cidade de que fazem parte, despertando um crescente interesse dos turistas na procura por produtos heterogêneos e diferenciados (Henriques, 2003c).

O turismo tem vindo a afirmar-se nas últimas décadas como uma componente central das várias cidades mundiais, que se assumem como destinos cada vez mais importantes (Law, 2002). O facto dos destinos turísticos urbanos possuírem múltiplos e variados pontos de

atividade e de atratividade gera uma procura mais diversificada e uma distribuição dos fluxos de forma contínua ao longo do ano. O aumento sistemático da procura assim como a evolução do seu comportamento consumidor, influenciado pelas suas necessidades e interesses cada vez mais peculiares e pelas tendências ao nível da oferta, são fatores aos quais os destinos têm de estar atentos por forma a ajustar a oferta às especificidades da procura e manter e/ou aumentar o seu perfil competitivo procurando tirar o melhor partido das singularidades e atributos locais (Hall & Page, 2006), pelo que se tem assistido a um aumento da oferta de produtos de base cultural e patrimonial consubstanciados num conjunto significativo de experiências.

Kim (2014) afirma que proporcionar aos turistas novas experiências é fulcral para o sucesso de um destino turístico e é isso que o torna distinto e mais competitivo em relação aos demais. A aposta na promoção das cidades através do seu património é valorizada se a oferta for devidamente estruturada. E, neste contexto, os itinerários adquirem um papel primordial.

2.1. Itinerários turísticos e a sua importância para os destinos urbanos

Para que um território se possa afirmar como competitivo e sustentável em termos turísticos é fundamental serem definidas, de forma clara, efetiva e integrada, um conjunto de políticas, estratégias e ações. Dever-se-á ter em conta que, à partida, não há uma relação causa-efeito linear entre a existência de recursos patrimoniais, a deslocação e o desenvolvimento turístico de um determinado local. Cunha (2008) esclarece que apesar de alguns recursos exercerem um grande poder de atração e originarem deslocações, nem todos oferecem as mesmas possibilidades de desenvolvimento, acrescentando que o seu crescimento depende da capacidade de serem valorizados e da criação de novos fatores de atração. Neste sentido, a ativação desses recursos tem necessariamente que passar pela intervenção humana, através da inventariação, da classificação e da dotação de condições económicas e tecnológicas que lhes confira a capacidade de satisfazer necessidades, com o intuito de definir produtos estruturados que configurem opções turísticas capazes de potenciar e afirmar territórios e de contribuir para o desenvolvimento local (Cunha 2008; Cunha & Abrantes, 2013).

De acordo com Doctor (2011), neste contexto de globalidade ou territorialidade do património, o itinerário posiciona-se como uma ferramenta ideal para conhecê-lo e valorizá-lo, aquilo que considera ser um passo anterior e essencial à sua conservação efetiva. Os itinerários surgem então, neste âmbito, como um instrumento que transforma e organiza os recursos patrimoniais, quer sejam naturais ou culturais, proporcionando uma ampla gama de oportunidades, que visam criar e/ou reforçar os fluxos turísticos atraídos para uma região. Num território complexo como é a cidade permitem a descoberta da mesma e das suas riquezas numa base mais organizada e estruturada (que de outra forma poderiam ficar apartadas de uma experiência única no destino), o que consequentemente irá gerar transformações socioeconómicas e culturais a longo prazo, acrescentando valor identitário ao território e cumprindo com o objetivo central que é o de fomentar o desenvolvimento local (Beaudet, 2003; Doctor, 2011; Ferreira, Aguiar & Pinto, 2012; Timothy & Boyd, 2015).

Segundo Ferreira e Pinto (2009), as empresas de itinerários podem contribuir fortemente para o desenvolvimento de um destino, pois a apresentação dos seus circuitos de forma temática, podendo incluir outros produtos e serviços endógenos assim como atividades específicas, apela ao interesse do turista, aumenta a sua motivação cultural e, consequentemente, torna a atividade uma oferta estruturada para o destino, constituindo-se como veículos transmissores de valores culturais, educacionais e cívicos. Neste sentido, Tabata (2007) defende que a criação de uma empresa de itinerários numa pequena cidade pode configurar um elemento facilitador da atração e fixação de turistas pois através dos itinerários e serviços disponibilizados é possível que se tornem mais atrativas e criativas, criando-se, deste modo, condições para se poder desenvolver um pequeno nicho de mercado, gerando novas empresas e novos empregos, dinamizando a cidade em termos sociais, económicos e culturais.

De acordo com o Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENT), os itinerários são ferramentas poderosas para o desenvolvimento dos destinos pela capacidade de integrar e valorizar o património numa oferta de experiências que qualifiquem e diferenciem o produto. Neste documento é afirmado ainda que “Portugal dispõe de um vasto património histórico, cultural,

religioso, natural e paisagístico que potencia a oferta, pelo que se entende fundamental o desenvolvimento de itinerários experienciais, a qualificação das atrações e a melhoria da informação ao turista visando uma promoção e comercialização mais eficaz dos serviços turísticos associados ao produto” (MEE, 2013: 63), sendo imperativo a sua estruturação com base em temas âncora da identidade e fatores distintivos nacionais.

O património cultural do Porto constitui um dos recursos endógenos mais importantes da cidade, abrangendo um vastíssimo e diversificado património construído que convive de forma harmónica com um legado imaterial relacionado com grandes nomes das artes, com a gastronomia, a linguagem ou os costumes/ tradições que constituem a identidade cultural deste povo. É baseada na identidade que a cidade constrói a sua imagem e que se encontra um dos principais fatores de atração de turistas, constituindo, assim, o turismo um fator de desenvolvimento e mundialização desta imagem (Gonçalves, 2016).

É na relação que a cidade possui com a cultura, com a história e com os espaços públicos que assentam as principais motivações turísticas. De acordo com Ferreira, Aguiar e Pinto (2012), os itinerários turísticos culturais, delimitados no espaço e no tempo, apresentam-se como uma ferramenta de grande utilidade para quem visita e deseja conhecer bem o território complexo que é a cidade do Porto. O *VisitPorto* recomenda um vasto conjunto de circuitos turísticos que abarcam a grande diversidade de recursos mas nenhum no âmbito da temática específica aqui explorada, embora existam alguns operadores que têm abraçado este tema nos seus percursos pela cidade.

3. O DARK TOURISM

O turismo é um fenómeno complexo através do qual um amplo conjunto de pessoas procura, de forma crescente, experiências novas, diferentes e únicas, com o intuito de satisfazer as mais distintas motivações. Tal tem conferido espaço à segmentação do mercado e ao surgimento de tipologias cada vez mais específicas que, contrariamente ao turismo de massas, são caracterizadas por ter um maior grau de exigência, diversificação e individualização. O *dark tourism* constitui um desses segmentos.

O *dark tourism*, entendido como o tipo de turismo que envolve a visita a locais reais ou recriados, associados à morte, sofrimento, desgraça ou ao aparentemente macabro (Stone, 2006; Farmaki, 2013), embora seja considerado por alguns autores como uma das mais antigas formas de turismo, ganha grande popularidade e interesse no meio académico e científico sobretudo a partir da década de 90 do século XX (Sharpley, 2009), tendo sido produzida nos últimos 20 anos considerável literatura (Iliev, 2020; Martini & Buda, 2020). Contudo, não obstante os avanços académicos, a compreensão da procura por este tipo de turismo continua a ser pouco definida em algumas vertentes, teoricamente frágil (Sharpley, 2009; Biran & Poria, 2012; Buda, 2015) e pautada por diversas interrogações (Iliev, 2020). Até mesmo o entendimento e conhecimento por parte do público em geral continuam a ser limitados.

Lennon e Foley (2000: 3) posicionam este segmento num horizonte temporal recente ao argumentarem que as relações entre turismo e morte mudaram desde o final da I Guerra Mundial e, como tal, entendem o turismo negro como “um produto das circunstâncias do mundo moderno tardio”, um setor mercantilizado da indústria do turismo contemporâneo e um fenómeno essencialmente ocidental. Uma perspetiva contestada na literatura por autores que afirmam que as raízes desta prática são ancestrais. Seaton (1999) defende que a relação entre guerra, morte, tragédia e turismo é um fenómeno que existe há séculos rejeitando, por isso, a condição pós-moderna do turismo negro. Também Sharpley e Stone (2009), Logan e Reaves (2009) ou Cohen (2011) afirmam que lugares que foram palco de guerras, desastres, mortes e atrocidades exercem, desde sempre, fascínio sobre o ser humano, motivando a realização de viagens, pelo que fixam os seus antecedentes na história mais remota e no decorrer da mesma. São exemplos as lutas dos gladiadores romanos, as execuções públicas durante a época medieval (Stone, 2005; 2006), as visitas a morgues (MacCannell, 1989, citado em Sharpley, 2009) ou edifícios militares (Beech, 2000), as viagens para campos de batalha onde decorrem conflitos, como a batalha de Waterloo no início do século XIX (Moufakkir & Burns, 2012) ou para contemplar as ruínas de barcos acidentados no início de novecentos como foi o

caso do SS Morro Castle (Sharpley, 2009), entre outros. De acordo com Stone (2005: 109), “desde que as pessoas são capazes de viajar, têm sido atraídas – intencionalmente ou não – para lugares, atrações ou eventos que estão, de uma forma ou de outra, relacionados com a morte, o sofrimento, a violência e o desastre” sugerindo que se trata de “um conceito antigo num novo mundo”, sendo que a novidade reside na crescente mercantilização destes sítios.

A este tipo particular de turismo têm sido atribuídas várias designações com interpretações próprias como *negative sightseeing* (MacCannell, 1989, citado em Bowman & Pezzullo, 2010), *black spots tourism* (Rojek, 1993), *thanatourism* (Seaton, 1996), *tragic tourism* (Lippard, 1999), *atrocitiy tourism* (Beech, 2000; Ashworth & Hartmann, 2005) ou *morbid tourism* (Blom, 2000), entre outras sub-categorias (Bowman & Pezzullo, 2010; Ashworth & Isaac, 2015). Todavia o termo “turismo negro” haveria de ser cunhado por Foley e Lennon (1996: 198) que o definem como “fenómeno que engloba a apresentação e consumo (pelos visitantes) de locais de morte e catástrofe reais e mercantilizados”. O termo *dark tourism* é o que reúne maior preferência sendo o mais profusamente usado pela comunidade científica e pela generalidade do público (Ashworth & Isaac, 2015; Martini & Buda, 2020). Só com Sharpley e Stone (2009) é que surge o termo “produto de turismo negro”, que discutem também a oferta, a procura e o consumo deste produto. Stone (2006: 146) entende o turismo negro como o tipo de turismo que envolve “o ato de viajar para locais associados à morte, sofrimento e o aparentemente macabro”, uma definição amplamente aceite e reproduzida. Porém, é importante referir que Tarlow (2005: 48), ao definir este segmento como “visitas a lugares onde ocorreram tragédias ou mortes históricas dignas de nota que continuam a impactar as nossas vidas”, oferece uma visão mais ampla para explorar a complexidade deste fenómeno assim como os motivos inerentes.

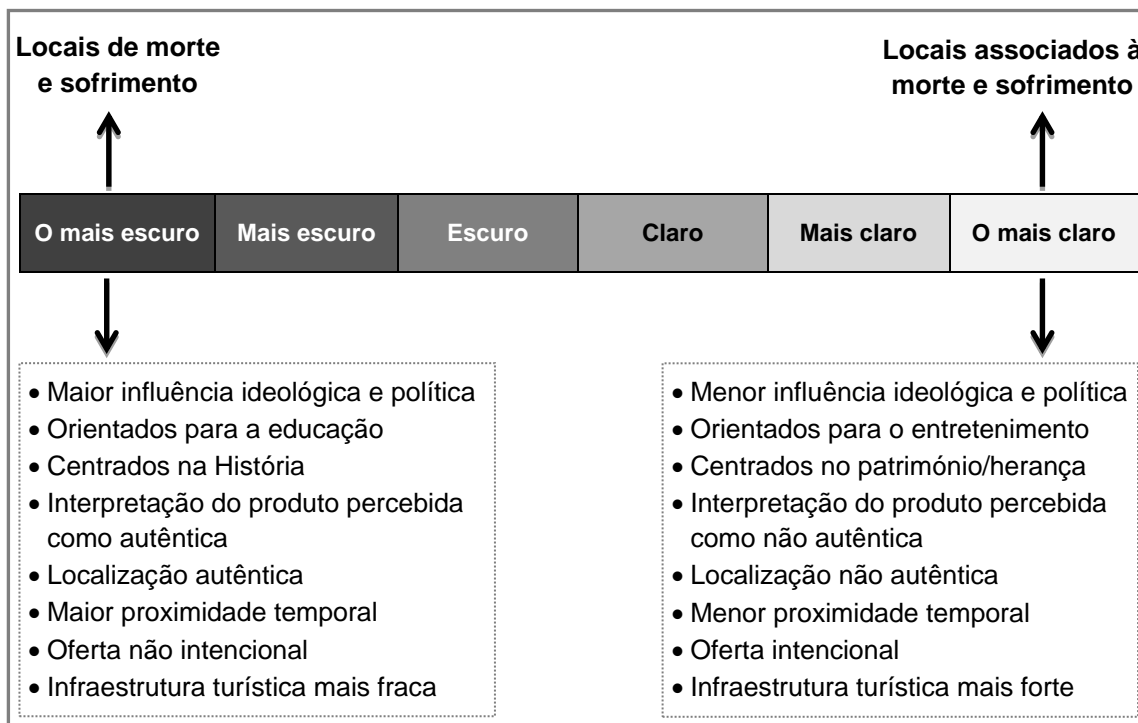
A conceção de turismo negro de Stone (2006) poderá remeter para um entendimento mais amplo deste segmento turístico para além do seu aparente carácter marginal, ao alcance de poucas atrações e de grupos específicos de visitantes. De acordo com esta perspetiva, Coutinho e Baptista (2014) atrevem-se a lançar o repto de que várias atrações turísticas bastante visitadas poderão constituir-se como locais de turismo negro pelo seu histórico associado à morte dando o exemplo da Torre Eiffel (suicídios), das pirâmides do Egito ou do Vale dos Reis (túmulos), do Museu do Cairo (arte funerária), do Taj Mahal (túmulo) ou do Ground Zero (mortes por atentado terrorista). Na mesma situação, mas em escalas de visitaçao diferentes, encontra-se uma miríade de outras atrações que apresentam um “*dark side*”, na maior parte das vezes, desconhecido dos seus visitantes. Neste contexto, também Ashworth e Isaac (2015) sugerem que todos os sítios turísticos têm um potencial maior ou menor de serem percecionados como “negros” por alguém, embora alertem para o facto do mesmo sítio poder evocar diferentes experiências em visitantes diferentes, ou seja, o que um visitante encara como “escuro”, para outro pode não o ser. Assim, os autores defendem que nenhum sítio é “negro” de forma intrínseca, automática e universal, pois embora possam estar rotulados como negros nem sempre são percecionados como tal por todos os visitantes.

Compreender-se-á, portanto, que este tipo de turismo “não é apenas 'para certas pessoas'” como concluem Coutinho e Baptista (2014: 494). Não obstante a amplitude quantitativa dos visitantes poder ser extensa, a complexidade poderá residir no facto de não estar ao alcance de um tão amplo mercado. Pois, tratar-se-á, antes de mais, de uma perspetiva diferente, de um outro olhar e de uma outra relação que é estabelecida com o local ou elemento patrimonial associado à morte e/ou sofrimento, que pode não estar ao alcance de todos por diversas razões, do mero desconhecimento à indiferença, à recusa ou aversão pelas peculiaridades desta temática.

A oferta do turismo negro é bastante diferenciada e apresenta várias intensidades de negro, sendo necessário distingui-las entre os diversos tipos de sítios. Em alguns sítios ocorreram de facto mortes e atrocidades, outros são construídos de forma propositada para recriar eventos sombrios, existindo na literatura várias propostas para a sua categorização. Lennon e Foley (2000) e Smith (1998) distinguem “sítios primários” que integram desde os campos do holocausto aos locais de mortes de celebridades, e “sítios secundários” comemorativos de tragédias e mortes. Dann (1998) classificou os locais associados à prática de *dark tourism* como: locais perigosos, desde o passado até ao presente incluindo cidades e casas de terror e edifícios associados à morte e horror, campos de fatalidade/locais onde outrora ocorreram mortes, guerras e tragédias como os campos de concentração e cemitérios, locais associados

a morte, assassinatos e caos como as casas de *serial killers* ou estabelecimentos prisionais, locais temáticos como museus ou outros locais cujo tema seja morte ou sofrimento.

Na mesma linha, Stone (2006) também identificou, caracterizou e ilustrou sete tipos de atrações negras (*dark attractions*), definidas e dispostas conforme o seu grau de “escuridão”: (i) a indústria do entretenimento/fábricas de diversão (ex.: parque do Drácula na Roménia) encaradas como as atrações de turismo negro “mais claras” ou mais “leves” por representarem morte real ou ficcionada e cujo foco é o entretenimento baseado numa perspetiva comercial, (ii) as exposições/exposições (ex.: exposição sobre o 11 de setembro no Museu Smithsonian), (iii) as masmorras/prisões (ex.: Robben Island na África do Sul onde esteve preso Nelson Mandela), (iv) os locais de repouso dos mortos como cemitérios e sepulturas individuais (ex.: cemitério Père-Lachaise em Paris), (v) os lugares de culto como santuários e memoriais (ex.: os portões do Palácio de Kensington e Althorp House após morte da Princesa Diana), (vi) os locais de conflito como os campos de batalha e outros locais relacionados com guerra (ex.: campos de batalha da I e II Guerra Mundial) e por fim (vii) os campos de genocídio (ex.: Auschwitz-Birkenau na Polónia), sítios onde ocorreram mortes, apresentando por isso a “mais escura” das intensidades de negro. Assim, de acordo com o autor (2006), a oferta de turismo negro enquadra-se num espetro cuja intensidade se posiciona num continuum entre o mais escuro e o mais claro, tendo em conta as características e perceções do produto (Figura 1). A oferta classificada como a mais escura do espetro do turismo negro corresponde aos lugares onde a morte, ou outro evento envolvendo sofrimento, realmente ocorreu numa escala temporal mais próxima. Estes locais, detentores de uma maior carga simbólica devido a uma mais forte influência ideológica e política, são evocativos e focalizados na conservação, na preservação e na comemoração da memória, estando centrados sobretudo na vocação pedagógica, pelo que a estrutura de acolhimento aos turistas é mais fraca. No extremo oposto, as atrações de turismo negro mais claro correspondem a locais que foram concebidos originalmente como atrações turísticas, oferecendo uma maior e mais forte estrutura turística para entretenimento, que exploram a associação ou representação romantizada e mercantilizada da morte e sofrimento ocorrida numa escala temporal mais antiga e, portanto, com uma repercussão emocional mais ténue (Stone, 2006).



Fonte: Adaptado de Stone (2006)

Figura 1: Espetro da intensidade da oferta de turismo negro

O turismo negro toca muitas partes do mundo do turismo, refere Tarlow (2005). Museus, cemitérios, memoriais, prisões, campos de concentração, campos de batalhas, cenários de

atentados e de outras tragédias, ou até mesmo favelas, assim como sítios que recriam de forma propositada a morte e/ou sofrimento, com diferentes níveis de intensidade de negro, como referido, podem ser considerados como locais de *dark tourism*, sendo bastante visitados pelos turistas (Fonseca, Seabra & Silva, 2016).

Note-se que, por exemplo, o 9/11 Memorial em Nova Iorque já recebeu mais de 36 milhões de visitantes desde a sua abertura em 2011 e o Museu do Memorial mais de 10 milhões desde 2014. Dados de 2017 dão conta de 6,8 e 3,1 milhões de visitantes respetivamente (The 9/11 Memorial, 2019). Auschwitz, considerado por Tarlow (2005) o pináculo do *dark tourism* europeu, ultrapassou a barreira dos 2 milhões de visitantes em 2016, alcançando um número record em 2018, cerca de 2,2 milhões (AM, 2019). O cemitério Père-Lachaise, a última morada de grandes celebridades da cultura parisiense, é o mais visitado do mundo recebendo 3,5 milhões de visitantes anuais (CPL, 2019). O Complexo de Alcatraz, célebre ex-prisão e lugar histórico, acolhe cerca de 1,5 milhões de visitantes anuais (GGNPC, 2020). Graceland (Memphis, Tennessee), a propriedade pertencente a Elvis Presley e onde este está sepultado, foi aberta ao público como museu em 1982 e já recebeu mais de 20 milhões de visitantes, nos últimos anos mais de meio milhão por ano (Graceland, 2020). Pompeia, a cidade destruída pela erupção do Vesúvio em 79 d.C, que matou e “enterrou” sob as suas cinzas todos os seus habitantes, é atualmente Património Mundial da Unesco e uma das atrações turísticas mais populares da Itália, tendo ultrapassado em 2016 a barreira dos 3 milhões de visitantes, 3,9 milhões foram registados no último ano (MIBACT, 2020). O acidente nuclear de Chernobyl deu origem a “cidades fantasmas” que têm motivado densos fluxos turísticos, Pripjat destaca-se e é atualmente um dos locais mais visitados da Ucrânia; memoriais evocativos da I e II Guerra Mundial e de outras batalhas constituem, de igual modo, dos locais mais visitados na América do Norte ou da Europa, assim como o é o castelo do Conde Drácula na Roménia ou a Ilha das Bonecas no México. O Túnel da Alma em Paris, associado à morte da Princesa Diana, a casa de Anne Frank (Holanda), museus e memoriais de genocídios (ex.: Ruanda e Camboja) entre outros constituem sítios cuja visita também é motivada pela morte e/ou sofrimento associados (Fonseca, Seabra & Silva, 2016). Mesmo em Portugal, que não constitui propriamente um destino negro, sítios como a Capela dos Ossos em Évora (quase 350 mil em 2018 (CME, 2019)), o cemitério dos Prazeres em Lisboa, os cemitérios do Prado do Repouso e Agramonte, no Porto ou a Quinta das Lágrimas, em Coimbra (49,5 mil em 2019, + 18,5% que em 2018 (FIC, 2020)), registam um aumento de visitantes.

Ao exponencial crescimento da procura por este tipo de turismo, verificado desde meados do século XX até à atualidade (Seaton & Lennon, 2004), não estará alheio o facto da morte e do sofrimento estar cada vez mais transformado num espetáculo, sendo atribuído à comunicação social e às indústrias culturais, como o cinema, a televisão, a música ou a literatura, o papel de mediadores e a responsabilidade pela ascensão do turismo negro enquanto espetáculo (Rojek, 1993; Lennon & Foley, 2000; Walter, 2009), pelo que, de acordo com Walter (2009), existe uma estreita ligação entre os média e o turismo negro, posicionando-os no mesmo “negócio”.

A exploração desta forma de turismo tornou-se numa área de reconhecido interesse, do ponto de vista turístico e de lazer, sendo impulsionada tanto pela procura como pela oferta. Tal tem despoletado, de igual modo, interesse e um subsequente debate em torno destas duas vertentes, em particular de definições e tipologias, questões éticas, o papel político destes sítios, motivações, comportamentos e experiências dos visitantes, gestão, interpretação e marketing (Light, 2017).

Contudo, se há uma década atrás Sharpley e Stone (2009) admitiam que o campo da motivação permanecia uma área pouco estudada, Iliev (2020) e Martini e Buda (2020) demonstram que a literatura entretanto produzida, e assente em estudos empíricos, tem colmatado essa lacuna, sendo múltiplos e variados os motivos evocados para a visita a estes sítios. Note-se que estes autores aludem à complexidade destes locais, clarificando que, apesar da morte fazer parte da sua história, nem sempre é a principal ou explicitamente reconhecida motivação para a visita. Aliás, Light (2007) enfatiza que a existência do “*dark tourist*” é questionável, ao qual se junta Iliev (2020) na conclusão de que a *thanatopsis* (contemplação da morte) é uma característica rara das visitas turísticas, contrariando a posição de Seaton (1996) que a considera central. Na mesma linha já se haviam ancorado Lennon e Foley (2000) que acreditavam que essas visitas se deviam sobretudo ao acaso, ou Walter

(2009) ao afirmar que a maioria do turismo negro não é especificamente motivado, constituindo apenas visitas paralelas inseridas numa viagem de maior amplitude.

Não obstante, da literatura resulta claro ao entendimento que os turistas que visitam estes locais não são um grupo homogêneo e nem os fatores inerentes à visita andam sozinhos, assim como a motivação “mais negra” pode assumir diferentes níveis de intensidade. Portanto, para além do fascínio e interesse pela morte (Seaton, 1996; Lennon & Foley, 2000; Ashworth & Hartmann, 2005; Biran et al., 2014), a visita a este tipo de sítios é também motivada por razões pessoais, culturais e psicológicas (Iliev, 2020). Têm sido referidas a experiência educacional, o desejo de aprender e entender eventos passados, o interesse histórico (Biran, Poria & Oren, 2011; Isaac & Çakmak, 2014; Light, 2017; Nhlabathi, 2018, citado em Nhlabathi & Maharaj, 2019; Isaac et al., 2019), a autodescoberta (Dunkley, 2007, citado em Ryan, 2007; Isaac & Çakmak, 2014) e a identidade (Biran, Poria & Oren, 2011), a memória, lembrança, comemoração, nostalgia, empatia, contemplação e homenagem (Tarlow, 2005; Dunkley, 2007, citado em Ryan, 2007; Isaac & Çakmak, 2014; Isaac et al., 2019), a curiosidade (Ashworth, 2004; Isaac & Çakmak, 2014; Nhlabathi, 2018, citado em Nhlabathi & Maharaj, 2019; Isaac et al., 2019), a procura de novidade, autenticidade e aventura (Sharpley & Stone, 2009; Isaac et al., 2019), o lazer (Biran, Poria & Oren, 2011), a conveniência quando se visitam outros locais (Dunkley, 2007, citado em Ryan, 2007; Nhlabathi, 2018, citado em Nhlabathi & Maharaj, 2019), e até mesmo o status, prestígio, afirmação e reconhecimento que essas visitas conferem (Podoshen, 2018). De forma menos frequente surgem na literatura as razões religiosas/peregrinação, os sentimentos de culpa, procura por responsabilidade social ou experiência patrimonial. Neste domínio Iliev (2020) remata ao concluir que embora os turistas visitem locais relacionados com a morte estes podem não ser necessariamente considerados turistas negros, até porque, tal como já mencionado, estes sítios podem não ser experienciados como “negros” por cada visitante sendo, por isso, imperativo que os ditos turistas negros sejam considerados com base na experiência.

4. O DARK TOURISM NA CIDADE DO PORTO

A cidade do Porto encerra uma forte carga simbólica resultante da sua história, cultura e património, sendo conhecida pelas suas tradições, artesanato, hospitalidade, gastronomia, paisagem, arquitetura, entre outros. Nos últimos anos é notória a proatividade na criação de infraestruturas, equipamentos, na programação de eventos ou no desenvolvimento de atividades de animação turística traduzida na consequente mercantilização da cultura urbana e da cidade em si. O vasto património é visitado incessantemente pela sua imagem projetada como elemento identificador da cidade, por modismos desprovidos de qualquer valor ou interesse específico, pela sua imponente na paisagem urbana, mas também pelo seu valor histórico, pela particularidade dos seus traços arquitetónicos resultantes da sucessão de épocas ou pelas possibilidades de passeio e lazer. Por outro lado, ao longo da sua existência, a Invicta tem também acumulado várias histórias e lendas sobre episódios trágicos, muitos deles curiosos e inexplicáveis. Joel Cleto, na sua coletânea “Lendas do Porto”, vai descortinando alguns destes acontecimentos à luz das versões lendárias e do seu fundo de verdade. Uma faceta *dark* associada a algum património um tanto ou quanto marginal no âmbito da atividade turística, mas não despercebida de todo, num contexto de procura de turismo negro sobretudo associado ao ambiente cemiterial, como constatou Gonçalves (2017).

Os cemitérios do Prado do Repouso e o Agramonte destacam-se pela monumentalidade e singularidade própria do romantismo de oitocentos para além de serem os únicos cemitérios nacionais a integrar a Rota Europeia de Cemitérios e a fazer parte da Associação dos Cemitérios Significativos da Europa. A sua valorização turística é ainda reforçada pelo Ciclo Cultural dos Cemitérios do Porto que inclui um conjunto de atividades culturais como visitas guiadas (temáticas, noturnas, musicadas e teatralizadas), exposições, concertos, comemorações, raids fotográficos noturnos ou workshops de desenho (CMP, 2020a). No âmbito deste evento, nestes dois cemitérios municipais, entre 2015 e 2019, registou-se um aumento do número de visitas programadas (de 7 para 17) assim como de visitantes, que

quase triplicaram (+136%), provenientes maioritariamente do mercado português, brasileiro, espanhol, britânico, de leste e francês (CMP, 2020b).

4.1. Os elementos patrimoniais

O Porto não possui “locais negros” em grande escala como o *Ground Zero* em Nova Iorque ou campos de concentração, por exemplo. Todavia, o Porto constitui-se como “fiel depositário” de um importante legado patrimonial ligado ao *dark*, não só edificado como associado a uma dimensão mais intangível através de lendas e histórias sendo, por isso, imperativo o seu levantamento no sentido da construção de um produto diferenciador, traduzido numa experiência turística que importa enriquecer e valorizar, capaz de corresponder às necessidades de uma procura expressiva, e que, não obstante iniciativas esporádicas que se vão realizando, se encontra subvalorizado e subaproveitado. Os elementos patrimoniais relacionados com o *dark* distribuem-se por vários locais da cidade (Quadro 1) mas nem todos surgem nos principais sites de informação turística nacional, regional e local, e menos ainda com referência ao seu carácter *dark*, estando integrados na ampla oferta de turismo cultural.

Todos os sítios identificados constituem atrações autênticas, ou seja onde a morte e/ou sofrimento está presente ou efetivamente aconteceu. O *HotHell*, uma casa assombrada que recriava as histórias de horror que aconteceram na cidade, teve bastante sucesso (Fonseca, Seabra & Silva, 2016), um espaço e experiência inautênticos que não se encontra atualmente em atividade e por isso não figura nos *sites* de informação turística. Com exceção dos cemitérios, estes locais estão de alguma forma concentrados geograficamente no e em torno do centro histórico da cidade.

Quadro 1. Elementos relacionados com o *dark tourism* no Porto mencionados ou constantes de circuitos, propostos pelo VisitPortugal, pelo Turismo do Porto e Norte de Portugal e pelo VisitPorto

VisitPortugal	Porto e Norte	VisitPorto
Estação de São Bento	Estação de São Bento	Estação de São Bento
Ribeira	Ribeira	Ribeira/Alminhas da Ponte e Ponte das Barcas
Igreja de S. Francisco	Igreja de S. Francisco	Igreja/Museu de S. Francisco/Cemitério catacumbal
Jardim da Cordoaria	Jardim da Cordoaria	Jardim da Cordoaria
Avenida dos Aliados	Avenida dos Aliados	Avenida dos Aliados/Praça da Liberdade e Estátua do rei D. Pedro IV
Rio Douro	Rio Douro	-
-	Cadeia da Relação	Cadeia da Relação/Centro Português da Fotografia
-	Praça Gomes Teixeira	Praça Gomes Teixeira
-	Hospital de Santo António	Hospital de Santo António
-	-	Parque/Jardim das Virtudes
-	-	Rua das Flores
-	-	Teatro Baquet
-	-	Cemitério de Agramonte
-	-	Cemitério do Prado do Repouso
-	-	Cemitério da Lapa
-	-	Cemitério dos ingleses/britânicos
-	-	Cemitérios de Aldoar, Foz do Douro, Ramalde, Lordelo do Ouro, Paranhos, Campanhã e Bonfim

Fonte: Elaboração própria a partir de VisitPortugal (2020), Turismo do Porto e Norte (2020) e VisitPorto (2020a)

Entre estes elementos merecem desde logo referência, pela quantidade, os cemitérios, pois são aqueles que de forma mais imediata são associados ao turismo negro, no geral, e no Porto em particular, como já referido. Trata-se de uma *dark attraction* inserida na tipologia *dark resting places* por Stone (2006) e que este coloca entre a posição escura/sombria e a clara/luminosa do espectro de intensidade do turismo negro. Todavia, deve notar-se que a autarquia do Porto reconhece que as atividades realizadas nos cemitérios municipais constituem acima de tudo um caso particular do turismo cultural, sem qualquer ligação ao *dark tourism*.

Os cemitérios são elementos patrimoniais essenciais da nossa civilização, testemunhos da história, costumes, valores e vida dos locais, assim como são reveladores da sua identidade cultural e religiosa (CE, 2020). Queiroz (2007) sugere mesmo que no século XIX, os principais cemitérios europeus foram concebidos não só para os mortos mas, sobretudo, para os vivos, para serem visitados e admirados através das obras de arte neles presentes. Neste contexto, a Associação dos Cemitérios Significativos da Europa tem como objetivos promover os cemitérios europeus enquanto parte fundamental do Património da Humanidade e consciencializar os cidadãos europeus para a importância dos cemitérios significativos na sua dimensão multicultural entre os membros constituintes da Rota Europeia dos Cemitérios, que oferece aos visitantes a possibilidade de descobrir e conhecer a história local através dos cemitérios (ASCE, 2020; CE, 2020).

Para além destes, é possível descortinar uma faceta *dark* em igrejas, jardins, ruas, e até no próprio rio Douro. Grande parte deles integra o itinerário que aqui se apresenta.

4.2. O Porto Dark – uma proposta de itinerário

Para a elaboração deste itinerário foram selecionados alguns sítios organizados segundo uma lógica de proximidade em torno do centro histórico da cidade do Porto, possível de realizar a pé. Tendo em consideração a escala de intensidade do turismo negro explorada por Stone (2006), o itinerário aqui proposto enquadra-se entre o nível escuro (*dark*) e claro (*light*) e constitui uma forma alternativa de apresentar um património, muito dele amplamente conhecido e visitado, focando essencialmente as suas particularidades mais sombrias.

O itinerário tem como ponto de partida o, inexistente, Teatro Baquet **(1)** (Figura 2), outrora localizado na atual rua 31 de janeiro. Quase no término do século XIX, um grande incêndio consumiu este espaço resultando em mais de uma centena de mortos, afirmam as fontes que dizimou famílias inteiras (Queiroz & Almeida, 2008). A segunda paragem é a Estação de São Bento **(2)** (Figura 3), acedida pela Praça de Almeida Garret. Esta foi construída precisamente no espaço ocupado pelo mosteiro feminino de São Bento de Avé-Maria que albergava freiras beneditinas, tendo sido encerrado e demolido no final do século XIX por ocasião da morte da derradeira religiosa. Com a extinção das ordens religiosas em 1834 as propriedades foram sendo confiscadas a favor do Estado e, no caso dos conventos femininos, foi decretada a proibição de novas freiras professarem votos e a extinção destas estruturas aquando da morte da última freira residente. Aquando da decisão da implantação da nova estação (1887), justamente no local do mosteiro, ainda aí vivia a última freira que, neste caso, viria a morrer somente em 1892 (mais de 58 anos após a extinção das ordens religiosas), permitindo que se iniciasse a construção da estação de São Bento (Pinho, 2000; Cleto, 2016). Conta a lenda que o fantasma da última freira ainda habita este local percorrendo os corredores da estação e, que em determinadas noites, neles se ouvem e ecoam as suas rezas, um choro persistente, baixo mas lancinante, pelo desaparecimento do mosteiro, ou um riso sarcástico pelo facto do seu tardio falecimento ter adiado por muito tempo a conclusão das obras (Cleto, 2016).



Figura 2 e 3: Teatro Baquet após o incêndio de 1888 e Estação de São Bento

Segue-se para a Avenida dos Aliados onde em 1829, na antiga Praça Nova das Hortas, hoje Praça da Liberdade **(3)**, foram enforcados, vítimas do absolutismo e do ódio miguelista, uma dúzia de ilustres personalidades afetas ao regime liberal, imortalizados como os “Mártires da Pátria”. Os seus corpos foram anos mais tarde removidos do “adro dos enforcados”, localizado nas traseiras do Hospital de Santo António onde eram enterrados, para o átrio da igreja da Santa Casa da Misericórdia e transladados no final do século XIX para o cemitério do Prado do Repouso, onde ainda permanecem (Silva, 2014). Na Praça da Liberdade é atualmente rendida homenagem a estes mártires na estátua de D. Pedro IV (Figura 4), onde na sua base constam, desde 1914, placas com os seus nomes. Do final da rua dos Clérigos avista-se o antigo Tribunal e Cadeia da Relação **(4)** (Figura 5a) que alberga atualmente o Centro Português de Fotografia e onde ainda é possível identificar algumas particularidades como as grades das janelas que remetem para a sua função original (Figura 5b). Para além dos Mártires da Pátria, aqui esteve enclausurado Camilo Castelo Branco por adultério e ainda Urbino de Freitas, médico e professor da Faculdade de Medicina, acusado de ter assassinado por envenenamento o sobrinho para ficar com a sua herança (DGPC, 2020a). Em frente situa-se o Jardim da Cordoaria **(5)** (Figura 6). Neste jardim realizaram-se os dois únicos autos de fé no Porto durante o período da Inquisição, para além de ter acolhido, durante mais de três séculos (tombou em 1986), a lendária “árvore da força”, um ulmeiro, classificado de interesse público que, desde sempre foi associado à força devido à sua peculiar forma que a ela se assemelhava, mas que nunca serviu para tal fim, apenas testemunhou estas sentenças (Cleto, 2012). Seguindo pela rua Ferreira da Silva, alcança-se a Praça Gomes Teixeira, vulgarmente conhecida como Praça dos Leões **(6)** (Figura 7). A lenda diz que, na sequência de uma deslocação ao Porto em meados do século XII, a rainha D. Mafalda, esposa de D. Afonso Henriques, ao passar neste local, denominado de Morro do Olival, foi projetada da sua égua e caiu numa ravina. No momento de aflição invocou o auxílio de Nossa Senhora da Graça em honra de quem ordenou ser edificada uma capela como agradecimento pela sua intervenção no salvamento. Os registos atestam a existência da capela neste sítio até ao século XIX, quando cedeu lugar à Academia Politécnica (Cleto, 2012). Seguindo pela rua do Carmo surge fronteiro o Hospital de Santo António **(7)** (Figura 8). Por aqui passavam em cortejo os condenados à força, um percurso-espetáculo, designado de “volta da vergonha”, que se iniciava em frente à antiga Cadeia da Relação de onde saíam os reclusos descalços e algemados, terminando no Campo Mártires da Pátria para serem enforcados (O Tripeiro, 1910, citado em Gonçalves, 2017). Nas imediações encontra-se o Parque das Virtudes **(8)** (Figura 9) onde se pensa ter existido um cemitério de judeus, a Fonte das Virtudes aí localizada, monumento nacional, poderá ter constituído um apoio ao ritual de purificação aquando dos funerais judaicos (DGPC, 2020b).



Fonte: Os autores (2017 e 2019)

Figura 4 e 5 (a e b): Praça da Liberdade e estátua de D. Pedro IV; Antiga Cadeia da Relação e pormenores das janelas



Fonte: Os autores (2015 e 2017)

Figura 6 e 7: Jardim da Cordoaria e Praça Gomes Teixeira

Fonte: Os autores (2019)



Figura 8 e 9: Hospital de Santo António e Parque das Virtudes

Regressa-se à baixa do Porto depois de uma breve caminhada, desta feita à Rua das Flores **(9)** (Figura 10), palco de um dos crimes e mistérios mais marcantes da história da cidade cujo protagonista foi o reputado médico Vicente Urbino de Freitas. Na Semana Santa de 1890 é enviada uma encomenda de doces envenenados aos seus sobrinhos que moravam com os avós nesta rua, cujo remetente, embora identificado, se desconhecia. O médico foi chamado mas as suas prescrições pioraram o estado de saúde das crianças. As suspeitas que estas haviam sido (duplamente) envenenadas recaíram sobre este que teria como objetivo eliminar toda a concorrência e ser o único herdeiro da fortuna do seu sogro. Urbino de Freitas foi julgado e condenado num processo pautado por diversas incongruências e equívocos, persistindo, ainda hoje, dúvidas quanto à sua real culpa ou inocência (Dinis-Oliveira, 2018). Após descida em direção ao rio pela rua Ferreira Borges surge a Igreja e Museu (Casa do Despacho) de S. Francisco **(10)**. Em pleno centro histórico este complexo encerra um cemitério catacumbal (Figura 11), imóvel de interesse público datado da segunda metade do século XVIII e ampliado no início do século XIX, onde estão sepultados benfeitores e Irmãos da Ordem e ainda o ossário onde estão expostos milhares de ossos destes, outrora sepultados nos jazigos (Quaresma, 1995; VOTSFP, 2020). O término deste itinerário é feito no Cais da Ribeira, onde de frente para o rio Douro se localiza um baixo-relevo do escultor Teixeira Lopes (pai) denominado de Alminhas da Ponte **(11)** (Figura 12), que evoca a morte de milhares de pessoas no início do século XIX que, ao fugir das tropas enviadas por Napoleão, se precipitaram para a Ponte das Barcas (tabuleiro contínuo assente em barcas ligadas por cabos de aço),



provocando o seu colapso e afundamento, tendo o Douro sepultado várias almas. A população local mantém, com velas acesas, a memória da tragédia (DGPC, 2020c).

Fonte: Dinis-Oliveira (2018), autores (2017) e VisitPorto (2020b)

Figura 10, 11 e 12: Prédio na Rua das Flores onde moravam os sobrinhos de Urbino de Freitas, Cemitério Catacumbal da Igreja de S. Francisco e escultura das Alminhas da Ponte

Como complemento a este itinerário (Figura 13), enquanto atrações importantes no âmbito da oferta de *dark tourism*, pela quantidade, relevância histórica e cultural na cidade, achou-se pertinente incluir alguns dos mais significativos cemitérios do Porto, acessíveis através do metro e possíveis de visitar antes ou após a realização do itinerário atrás proposto. Refere-se em particular o cemitério do Prado do Repouso (A), o cemitério da Lapa (B), o cemitério de Agramonte (C) e o cemitério dos Ingleses (D).

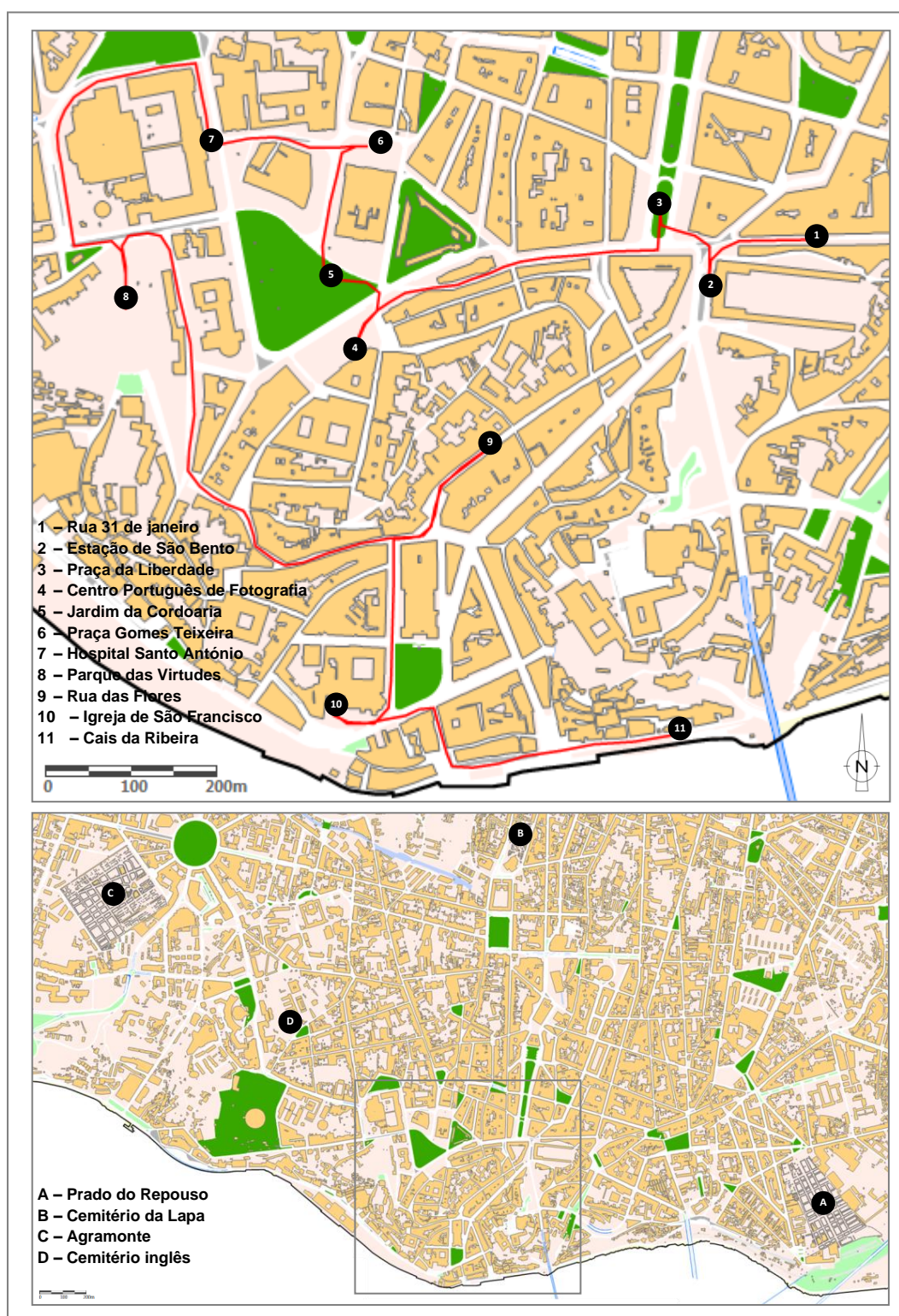


Figura 13: Proposta de itinerário sob a temática do *dark tourism*

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cresce, de forma voraz, a importância da promoção dos destinos, de satisfazer as necessidades de uma procura cada vez mais heterogênea e menos previsível. Nas cidades sucedem-se épocas, momentos e episódios históricos resultando numa ampla e complexa densidade patrimonial imbuída de uma forte carga simbólica que espelha a sua identidade e, não raras vezes, define a sua imagem. Por esta razão o património posiciona-se como um ativo estratégico e competitivo na motivação da atividade turística, cuja oferta fica valorizada se for devidamente organizada. Neste contexto, os itinerários constituem elementos essenciais na estruturação e interpretação da complexidade subjacente ao território urbano, para além de se apresentarem como polos de interesse diferenciados contribuindo para a captação de público.

O *dark tourism* tem ganho popularidade e, à semelhança de outros segmentos de nicho, desempenha um papel de grande relevância na diversificação da oferta e promoção de destinos turísticos. Alicerçado em características, sítios e eventos com especificidades próprias, constitui um tipo de turismo capaz de proporcionar uma experiência única e, deste modo, responder a uma procura diferenciada e exigente. Para além do carácter mais mórbido associado à visita ou ao mais lúdico e desprendido, a visita a locais relacionados com o turismo negro tem intrínseca uma vocação educacional e fortemente emocional.

A região do Porto foi ocupada pelo Homem desde a pré-história. Na cidade vão, por isso, sobrepondo-se épocas, estilos e correntes artísticas materializadas numa herança cultural material e imaterial que constitui a sua principal virtude e que tem diferenciado este destino turístico. Verificou-se que há um conjunto interessante de elementos patrimoniais que apresenta uma faceta mais “negra” que permanece um tanto ou quanto à margem da oferta que se processa hoje na cidade e algo desconhecida do público em geral, não obstante ser de justiça referir que se vão desenvolvendo algumas atividades relacionadas.

O “Porto Dark: uma proposta de itinerário turístico” constitui uma proposta inovadora e alternativa ao que este destino já oferece direcionada para o turista exigente que procura experiências diferenciadas e com motivações relacionadas, ou não, com esta vertente mais sombria, tendo como foco principal a projeção de um património ainda pouco explorado, sob este prisma, pelos promotores institucionais e privados do turismo do Porto.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ashworth, G. (1994): “From history to heritage: from heritage to identity: in search of concepts and models”. In: Ashworth, G., Larkham, P. (Eds.) *Building a New Heritage. Tourism, Culture and Identity in the New Europe*. Routledge. London, pp. 206-228.
- Ashworth, G. (2000): “Heritage, Tourism and Places: A Review”. In *Tourism Recreation Research*, 25(1), 19-29.
- Ashworth, G. (2004): “Tourism and the heritage of atrocity: Managing the heritage of South African apartheid for entertainment”. In: Singh, T. V. (Ed.) *New Horizons in Tourism: Strange Experiences and Stranger Practices*. CABI. Wallingford, UK, pp. 95-108.
- Ashworth, G., Graham, B., & Tunbridge, J. (2007): “Pluralising Pasts: Heritage, Identity and Space in Multicultural Societies”. Pluto Press, London.

- Ashworth, G., & Hartmann, R. (Eds.) (2005): "Horror and human tragedy revisited: The management of sites of atrocities for tourism". CABI, New York.
- Ashworth, G., & Isaac, R. K. (2015): "Have we illuminated the dark? Shifting perspectives on 'dark' tourism". In *Tourism Recreation Research*, 40(3), pp. 316-325.
- Ashworth, G., & Tunbridge, J. (2000): "The Touristic-Historic City: Retrospect and Prospect of Managing the Heritage City". Elsevier Science, Oxford.
- Association of Significant Cemeteries in Europe (ASCE) (2020). Significant cemeteries. Disponível em: <http://www.significantcemeteries.org/p/significant-cemeteries.html>. Consultado a 22 de abril de 2020.
- Auschwitz Memorial (AM) (2019): Attendance. Disponível em: <http://auschwitz.org/en/visiting/attendance/>. Consultado a 06 de novembro de 2019.
- Beaudet, G. (2003): "Les routes touristiques à thème: entre marketing territorial et valorisation identitaire". In *Téoros – Revue de recherche en tourisme*, 22(2), pp. 4-9.
- Beech, J. (2000): "The Enigma of Holocaust Sites as Tourist Attractions: The Case of Buchenwald". In *Managing Leisure*, 5(1), pp. 29-41.
- Biran, A., & Poria, Y. (2012): "Reconceptualising dark tourism". In: Sharpley, R. & Stone, P. (Eds.) *Contemporary tourist experience: Concepts and consequences*. Routledge. Abingdon, pp. 59-70.
- Biran, A., Liu, W., Li, G., & Eichhorn, V. (2014): "Consuming post-disaster destinations: The case of Sichuan, China". In *Annals of Tourism Research*, 47, pp. 1-17.
- Biran, A., Poria, Y., & Oren, G. (2011): "Sought experiences at (dark) heritage sites". In *Annals of Tourism Research*, 38(3), pp. 820-841.
- Blom, T. (2000): "Morbid tourism: A postmodern market niche with an example from Althorp". In *Norwegian Journal of Geography*, 54(1), pp. 29-36.
- Bowman, M. S., & Pezzullo, P. C. (2010): "What's so 'Dark' about 'Dark Tourism'?": Death, Tours, and Performance". In *Tourist Studies*, 9(3), pp. 187-202.
- Buda, D. M. (2015): "Affective tourism: Dark routes in conflict". Routledge, New York.
- Câmara Municipal de Évora (2019): O Posto de Turismo Municipal registou em 2018 uma média mensal de 11.882 visitantes. Disponível em: <http://www.cm-evora.pt/pt/Evora-Noticias/arquivo/Paginas/O-Posto-de-Turismo-Municipal-registou-em-2018-uma-m%C3%A9dia-mensal-de-11-882-visitantes.aspx>. Consultado a 22 de abril de 2020.
- Câmara Municipal do Porto (CMP) (2020a): Ambiente/Cemitérios/Ciclos Culturais. Disponível em: <http://www.cm-porto.pt/cemiterios>. Consultado a 07 de abril de 2020.
- Câmara Municipal do Porto (CMP) (2020b): Dados estatísticos sobre o Ciclo Cultural dos Cemitérios na cidade do Porto. Gabinete de Saúde Pública e Bem-Estar Animal, Porto. (Realizado pedido específico).
- Câmara Municipal do Porto (CMP) (2020c): Informação Geográfica. Disponível em: https://balcaovirtual.cm-porto.pt/PT/cidadãos/guiatematico/info_geo/. Consultado a 29 de abril de 2020.
- Choay, F. (1992): "L' Allégorie du Patrimoine". Editions du Seuil, Paris.
- Cimetière du Père-Lachaise (CPL) (2019): A la découverte du Cimetière du Père-Lachaise. Disponível em: <https://pere-lachaise.com/>. Consultado a 06 de novembro de 2019.
- Cleto, J. (2012): "Lendas do Porto". Vol. II. QuidNovi, Vila do Conde.

- Cleto, J. (2016): "Lendas do Porto". Vol. IV. Verso da História, Aveleda.
- Cluzeau, C. O. (1998): "Le Tourisme Culturel". 2ª Ed.. Presses Universitaires de France, Paris.
- Cohen, E. H. (2011): "Educational dark tourism at in populo site: the holocaust museum in Jerusalem". In *Annals of Tourism Research*, 38(1), pp. 193-209.
- Council of Europe (CE) (2020): European Cemeteries Route. Disponível em: <https://www.coe.int/en/web/cultural-routes/the-european-cemeteries-route>. Consultado a 22 de abril de 2020.
- Coutinho, B., & Baptista, M. M. (2014): "Há morte nas catacumbas: Percepções de visitantes de uma atração de turismo negro". In *Revista Turismo e Desenvolvimento*, nº 21/22, pp. 493-503.
- Cunha, L. (2008). "Avaliação do Potencial Turístico". In *Cogitur – Journal of Tourism Studies*, 1(1) pp. 21-40.
- Cunha, L., & Abrantes, A. (2013). "Introdução ao Turismo". 5ª Edição. Lidel, Lisboa.
- Dann, G. (1998): "The Dark Side of Tourism. Etudes et Rapports". Centre International de Recherches et d'Etudes Touristiques. Aix en Provence.
- Dinis-Oliveira, R. J. (2018): "Portugal's first major forensic case and the genesis of forensic toxicology: 10 years of research to reconstruct the event". In *Forensic Sciences Research*, 4(1), pp. 69-81.
- Direção Geral do Património Cultural (DGPC) (2020a): Antiga Cadeia e Tribunal da relação do Porto. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74506>. Consultado a 08 de abril de 2020.
- Direção Geral do Património Cultural (DGPC) (2020b). Fonte do Rio Frio/Fonte das Virtudes. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=5546. Consultado a 08 de abril de 2020.
- Direção Geral do Património Cultural (DGPC) (2020c): Alminhas da Ponte. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71533>. Consultado a 29 de abril de 2020.
- Doctor, A. M. (2011): "El itinerario como herramienta para la puesta en valor turístico del patrimonio territorial". In *Cuadernos de Turismo*, 27, pp. 273-289.
- Euromonitor International (EI) (2019): Top 100 City Destinations – 2019 Edition. Disponível em: <https://go.euromonitor.com/white-paper-travel-2019-100-cities#download-link>. Consultado a 13 de maio de 2020.
- Farmaki, A. (2013): "Dark tourism revisited: A supply/demand conceptualization". In *International Journal of Culture, Tourism and Hospitality Research*, 7(3), pp. 281-292.
- Fernandes, J. A. (2013): "Muitas vidas tem o centro e vários centros tem a vida de uma cidade". In: Fernandes, J. A. R. & Sposito, M. E. (Org.) *A nova vida do velho centro, nas cidades portuguesas e brasileiras*. CEGOT. Porto, pp. 31-42.
- Ferreira, L., Aguiar, L., & Pinto J. R. (2012): "Turismo Cultural, Itinerários turísticos e impactos nos destinos". In *Cultur – Revista de Cultura e Turismo*, nº 2, pp.110-126.
- Ferreira, L., & Pinto, J. (2009): "Itinerários Turísticos e Imaginário Turístico nos Países de Língua Portuguesa". Centro de Investigação Interdisciplinar e de Intervenção Comunitária – ISCET, Porto.

- Foley, M., & Lennon, J. (1996): "JFK and dark tourism: A fascination with assassination". In *International Journal of Heritage Studies*, 2(4), pp. 198-211.
- Fonseca, A. P., Seabra, C., & Silva, C. (2016): "Dark Tourism: Concepts, Typologies and Sites". In *Journal of Tourism Research & Hospitality*, S2.
- Fundação Inês de Castro (FIC) (2020): Número de visitantes da Quinta das Lágrimas nos últimos 5 anos. Fundação Inês de Castro, Coimbra (Realizado pedido específico).
- Golden Gate National Parks Conservancy (GGNPC) (2020): Alcatraz at a glance. Disponível em: <https://www.parksconservancy.org/our-work/alcatraz-glance>. Consultado a 12 de março de 2020.
- Gonçalves, A. (2017): "Dark Tourism – O lado sombrio do Turismo: Aplicação à cidade do Porto". Dissertação de mestrado em Gestão do Turismo. Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto do Instituto Politécnico do Porto, Porto.
- Gonçalves, R. (2016): O património cultural como fator de atração de turistas a uma cidade. O caso da cidade do Porto. Disponível em: <https://www.hipersuper.pt/2016/04/06/o-patrimonio-cultural-como-fator-de-atracao-de-turistas-a-uma-cidade-o-caso-da-cidade-do-porto/>. Consultado a 15 de abril de 2020.
- Graceland (2020): The official blog of Graceland. Disponível em: <https://www.graceland.com/>. Consultado a 14 de abril de 2020.
- Hall, C. M., & Page, S. J. (2006): "The geography of tourism and recreation: environment, place and space". Routledge, London.
- Henriques, C. (2003c): "Turismo, Cidade e Cultura – Planeamento e Gestão Sustentável". Edições Sílabo, Lisboa.
- Henriques, E. B. (2003a): "A Cidade, Destino de Turismo". In *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, I série, vol. XIX, pp. 163-172.
- Henriques, E. B. (2003b): "Cultura e território, das políticas às intervenções. Estudo Geográfico do património histórico-arquitectónico e da sua salvaguarda". Tese de doutoramento em Geografia Humana. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Iliev, D. (2020): "Consumption, motivation and experience in dark tourism: a conceptual and critical analysis". In *Tourism Geographies*, DOI: 10.1080/14616688.2020.1722215.
- Instituto Nacional de Estatística (INE) (2019): Anuário Estatístico da Região Norte 2018. Disponível em: <https://www.ine.pt/xurl/pub/410498016>. Consultado a 15 de abril de 2020.
- Instituto Nacional de Estatística (INE) (2020): Passageiros desembarcados (N.º) nos aeroportos por Localização geográfica, Tipo de tráfego e Natureza do tráfego; Mensal. Disponível em: <https://ine.pt/>. Consultado a 15 de abril de 2020.
- Isaac, R. K., & Çakmak, E. (2014): "Understanding visitor's motivations at sites of death and disaster: The case of former transit camp Westerbork, The Netherlands". In *Current Issues in Tourism*, 17(2), pp. 164-179.
- Isaac, R. K., Nawijn, J., van Liempt, A., & Gridnevskiy, K. (2019): "Understanding Dutch visitors' motivations to concentration camp memorials". In *Current Issues in Tourism*, 22(7), pp. 747-762.
- Kim, J. H. (2014): "The antecedents of memorable tourism experiences: The development of a scale to measure the destination attributes associated with memorable experiences". In *Tourism Management*, 44, pp. 34-45.
- Law, C. M. (2002): "Urban Tourism: The Visitor Economy and the Growth of Large Cities". London, Continuum.

- Lennon, J. J., & Foley, M. (2000): "Dark Tourism: The Attraction of Death and Disaster". Continuum, London and New York.
- Light, D. (2017): "Progress in dark tourism and thanatourism research: An uneasy relationship with heritage tourism". In *Tourism Management*, 61, pp. 275-301.
- Lippard, L. R. (1999): "On the Beaten Track: Tourism, Art, and Place". The New Press, New York.
- Logan, W., & Reeves, K. (2009): "Places of pain and shame: Dealing with 'difficult heritage'". Routledge, London.
- Martini, A., & Buda, D. M. (2020): "Dark tourism and affect: framing places of death and disaster". In *Current Issues in Tourism*, 23(6), pp. 679-692.
- Ministério da Economia e do Emprego (MEE) (2013): "Plano Estratégico Nacional do Turismo. Revisão do plano de desenvolvimento do turismo no horizonte de 2015". Gabinete do Ministro da Economia e do Emprego, Lisboa.
- Ministero dei beni e delle attività culturali e del turismo (MIBACT) (2020): Ufficio Statistica. Disponível em: http://www.statistica.beniculturali.it/Sistan_e_ufficio.htm. Consultado a 14 de abril de 2020.
- Moufakkir, O., & Burns, P. (Eds.) (2012): "Controversies in Tourism". CABI, Wallingford.
- Nhlabathi, S. S., & Maharaj, B. (2019): "The dark tourism discipline: a creative brand in a competitive academic environment?". In *Current Issues in Tourism*, DOI: 10.1080/13683500.2019.1636770.
- Nogueira, M. (2018): Porto foi eleita a cidade da Europa mais interessante para visitar em 2019. Disponível em: <http://www.porto.pt/noticias/porto-foi-eleita-a-cidade-da-europa-mais-interessante-para-visitar-em-2019>. Consultado a 15 de abril de 2020.
- Peralta, E. (2000): "Património e identidade. Os desafios do turismo cultural". In *Antropológicas*, nº 4, pp. 217-224.
- Pinho, I. (2000): "O Mosteiro de São Bento de Avé Maria do Porto, 1518/1899. Uma arquitectura no século XVIII". Dissertação de mestrado em História de Arte em Portugal, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto.
- Podoshen, J. S. (2018): "Dark tourism in an increasingly violent world". In: Stone, P., Hartmann R., Seaton, T., Sharpley, R. & White, L. (Eds.) *The Palgrave Handbook of Dark Tourism Studies*. Palgrave Macmillan. Basingstoke, pp. 173-187.
- Quaresma, M. C. C. (1995): "Inventário Artístico de Portugal: Cidade do Porto". Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa.
- Queiroz, F. (2007): "Os cemitérios históricos e o seu potencial turístico em Portugal". In *Anuário 21 Gramas*, nº 1, pp. 7-12.
- Queiroz, J. F. F., & Almeida, M. G. (2008): "Teatro Baquet: Ruína e Memórias". In *Boletim da Associação Cultural Amigos do Porto*, 3ª Série, nº 26.
- Rojek, C. (1993): "Ways of escape: modern transformations in leisure and travel". Macmillan, London.
- Ryan, C. (2007): "Battlefield tourism: History, place and interpretation". Elsevier, Oxford.
- Seaton, A. V. (1996): "Guided by the dark: From thanatopsis to thanatourism". In *International Journal of Heritage Studies*, 2(4), pp. 234-244.
- Seaton, A. V. (1999): 'War and Thanatourism: Waterloo 1815–1914', In *Annals of Tourism Research*, 26(1), pp.30-58.

- Seaton, A. V., & Lennon, J. (2004): "Moral Panics, Ulterior Motives and Alterior Desires: Thanatourism in the Early 21st Century". In: Singh, T.V. (Ed.) *New Horizons in Tourism: Strange Experiences and Stranger Practices*. CABI. Wallingford, UK, pp. 63-82.
- Sharpley, R. (2009): "Shedding light on dark tourism: An introduction". In: Sharpley, R. & Stone, P. (Eds.) *The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism*. Channel View Publications. Bristol, pp. 3-32.
- Sharpley, R., & Stone, P. (Eds.) (2009): "The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism". Channel View Publications, Bristol.
- Silva, F. R. (2014): "Os Mártires da Liberdade e a Santa Casa da Misericórdia do Porto (1829-1878)". Santa Casa da Misericórdia do Porto, Porto.
- Smith, V. L. (1998): "War and Thanatourism: An American Ethnography". In *Annals of Tourism Research*, 25(1), pp. 202-27.
- Stone, P. (2005): "Dark tourism consumption: A call for research". In *e-Review of Tourism Research*, 3(5), pp. 109-117.
- Stone, P. (2006): "A dark tourism spectrum: towards a typology of death and macabre related tourist sites, attractions and exhibitions". In *Tourism*, 54(2), pp. 145-160.
- Tabata, R. (2007): "Tematic Itineraries: An Approach to Tourism Product Development". University of Hawai, Manoa, USA.
- Tarlow, P. (2005): "Dark Tourism. The appealing 'dark' side of tourism and more". In: Novelli, M. (Ed.) *Niche Tourism. Contemporary issues, trends and cases*. Routledge. London and New York, pp. 47-72.
- The 911 Memorial (2019): A Year in Review. Disponível em: <https://2017.911memorial.org/>. Consultado a 06 de novembro de 2019.
- Timothy, D. J., & Boyd, S. W. (2015): "Tourism and Trails: Cultural, Ecological and Management issues". Channel View Publications, Bristol, UK; Buffalo, NY.
- Turismo do Porto e Norte (2020): O que fazer. Disponível em: <http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/>. Consultado a 22 de abril de 2020.
- Walter, T. (2009): "Dark Tourism: mediating between the dead and the living". In: Sharpley, R. & Stone, P. (Eds) *The Darker Side of Travel: The Theory and Practice of Dark Tourism*. Channel View Publications. Bristol, pp. 39-55.
- World Golf Awards (WGA) (2020): Awards. Disponível em: <https://worldgolfawards.com/>. Consultado a 15 de abril de 2020.
- World Travel Awards (WTA) (2020): World Travel Awards Winners. Disponível em: <https://www.worldtravelawards.com/winners/>. Consultado a 15 de abril de 2020.
- Venerável Ordem Terceira de São Francisco do Porto (VOTSFP) (2020): Igrejas e Museu. Disponível em: <http://ordensaofrancisco.pt/igrejамuseu/>. Consultado a 08 de abril de 2020.
- VisitPorto (2020a): Desfruta do Porto. Disponível em: <https://visitporto.travel/pt-PT/see-and-do#/>. Consultado a 23 de abril de 2020.
- VisitPorto (2020b): Estátuas, Esculturas e Fontes - Alminhas da Ponte. Disponível em: <https://visitporto.travel/pt-PT/poi/5cd04b47f979e00001c83431#/>. Consultado a 24 de abril de 2020.
- VisitPortugal (2020): Regiões – Porto e Norte. Disponível em: <https://www.visitportugal.com/pt-pt/destinos/porto-e-norte>. Consultado a 14 de janeiro de 2020.